LIBANIO CARDOSO

libanio_cardoso@yahoo.com.br

Dados profissionais:

Professor de Filosofia na UNIOESTE; Doutor em Filosofia pela UFRJ; integra o Grupo de Pesquisa em História da Filosofia, na UNIOESTE, e o PRAGMA, Programa de Estudos em Filosofia Antiga (CNPq/UFRJ).

Sinopse da apresentação:

Partiremos de uma questão: *De onde nos vem a medida justa para compreender a relação entre Mito e Filosofia?* Trata-se de uma pergunta ***propedêutica***; seu intuito é permitir um passo atrás em todos os nossos juízos a respeito das "relações" entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico. Em seguida, obedeceremos à seguinte ordem de investigação: (1)Uma distinção conceitual importante: interpretação ôntica, interpretação ontológica; (2) Análise da proposição de Tales, universalmente considerada a primeira proposição filosófica; (3) Interpretação ontológica da noção mítica grega do Caos, particularmente desde a *Teogonia*, de Hesíodo [Caos, Terra, Tártaro]; (3) Uma passagem do poema de Parmênides como correlato da tripartição hesiódica; (4) O sentido da sucessão Oúranos, Cronos, Zeus (Céu, Tempo, Zeus): Zeus como *arkhé* e *logos*; (5) A pergunta fundamental de *Os Trabalhos e os Dias*: como pode a Parte "valer mais" que o Todo? [A partir da dissertação de Camila Prado, UFCE); (6) Que significa "*phýsis*", originariamente? *Odisséia*, X. (7) Filosofia e antropocentrismo. – Em seu todo, os sete itens anteriores pretendem recuperar a força para um *passo adentro da imbricação originária entre pensamento mítico e pensamento filosófico*, dispensando-nos do falatório usual, sobre o tema, que tanta separação impõe entre professores e estudantes de filosofia.

c.1. Há quantos anos estuda e leciona Filosofia? Por qual motivo ingressou nessa seara?

Estudo filosofia há 30 anos; dou aulas há pouco mais de 15 anos. Filosofia é uma disposição fundamental, ainda que histórica; nela encontrei a forma da Palavra que, através do que me é dado viver, quer ganhar peso e sentido. Nenhuma veleidade, nenhum voluntarismo incidiram sobre esse caminho; ao inverso, o caminho filosófico decide previamente sobre toda vontade.

c.2. Como descreveria a experiência pedagógica no magistério filosófico?

Dar aulas de filosofia é encontrar a força de um Sentido que se faz por si mesmo Palavra. Essa palavra, que tem uma forma peculiar – a da pergunta pelo sentido – exige esforço para ser dita

e para ser ouvida, e é *necessário* decidir-se, a partir dela, sobre ela. Mesmo não fazer nada sobre ela é já tomar e manter uma decisão – ainda que pela fuga, pela mera substituição orientada pela Vontade. (E a Vontade jamais é "de" alguém; dá-se somente o inverso.) Isto leva a que a experiência de todo aquele que se envolve com filosofia seja de alegria, sobriedade e solidão. Essas três partes da vida filosófica estão em harmonia, e o título mais justo para sua totalização é *vida criadora*. Participando pelo pensamento do aparecer dos entes e tornando-se, em aulas ou textos, também um criador, quem se orienta filosoficamente na vida alcança os outros retirando-se de si mesmo, "deixando de atrapalhar" o discurso com suas opiniões e tendências, com sua biografia e expectativas ônticas. Isto fica de fora. Não se é um "autor original", um criador no sentido de um produtor de "arte", "teoria" ou "modelos". A vida criativa, experimentada filosoficamente, não é propriamente individual e humana senão na forma de sua expressão, cuja mediação é necessariamente histórica e está, pois, submetida aos erros humanos; nela, o Aparecer mesmo aparece e toma forma e palavra.

c.3. Como vê a questão do ensino de Filosofia no Brasil, atualmente?

No Ensino Médio, a filosofia está ainda demasiado presa a clichês e soluções fáceis, "didáticas". Os manuais e livros "oficiais" são uma doença, cuja origem é, em primeiro lugar, o despreparo, e, em seguida, o medo da liberdade e do pensamento, para os quais é necessário preparar-se continuamente. Isto não é diferente em outros países e se deve à essência de toda uma época, para não dizer: do homem. É próprio de todos nós fugirmos ao essencial, até com entrevistas e frases de efeito... As Universidades estão, talvez muito mais, sob o peso do produtivismo, da sanha da publicidade e da regulação, tornando a filosofia mais e mais parecida com uma ciência meio que sem objeto mas aparentemente "muito interessante", cujo propósito social seria "formar o pensamento crítico" e que por isso mal se distingue de um criticismo universal. Isto gera especialistas que detêm a palavra e "o saber" por meio de seus títulos e de suas publicações, jamais por sabedoria; são esses especialistas que orientam a vida escolar rumo à mesma compartimentação, rumo ao mesmo produtivismo e bom-mocismo social travestido de capacidade crítica.

Para não me ater apenas a aspectos negativos, devo no entanto dizer que o retorno da filosofia ao Ensino Médio é por si um grande acontecimento, e que vejo, aos poucos, o cansaço diante do inessencial transformar mesmo os mais turrões. Uma nova geração de estudantes chega ao magistério pronta para deixar viverem os textos e as perguntas filosóficas. *Se* isto for favorecido, o espírito voltará com seu sentido – este que dispensa toda sanha de conquista, por já estar sempre em si mesmo.

c.4. Qual sua visão a respeito da cosmogonia helênica em relação ao conhecimento filosófico e científico contemporâneo?

A filosofia, seguindo a tendência do saber científico, está dividida em ramos especializados. Estuda-se um tema à medida do interesse individual, vinculado à conveniência acadêmica, sempre sendo exigida de nós o que chamam 'dedicação específica'. Isto significa que para todos aqueles que não estudam temas concernentes à Filosofia Antiga, à Antropologia, à Filosofia da Religião e afins, a cosmogonia helênica não tem nenhuma importância, chegando mesmo a ser objeto de escárnio. É evidente que também do ponto de vista social ela não tem significado – é, no máximo, um tema para a curiosidade eventual. De modo amplo, nosso cotidiano, em seus interesses e obrigações, é ele mesmo dividido: estamos sempre dedicados a atender ou a fugir de algo específico. Para mim, essa compartimentação se deve a uma perda do essencial (alguns dirão que isto é rejeição da diferença e da complexidade – mas a acusação é superficial). O essencial, para o homem, aparece sempre como História; a cosmogonia helênica é o modo histórico de o essencial se erguer como linguagem, no Ocidente. (Isto não significa que seja o único ou o maior entre os modos de o essencial atingir o discurso.) Por isso, uma interpretação radical e sóbria dos gregos sempre iluminará os caminhos daqueles que, entre nós, a ela dedicarem o esforço de sua transformação pelo trabalho do pensamento. De um modo ainda mais surpreendente, porém, parece que essa cosmogonia tem algo fundamental que permite seu diálogo com o não-ocidental. Esse alcance extraordinário será talvez o traço propriamente filosófico dos mitos gregos.

c.5. Quais são os desafios do ensino de Filosofia no estado do Paraná?

Em primeiro lugar, fazer ver, inclusive a dirigentes políticos e acadêmicos, que a filosofia não está nem pode estar a serviço de uma região, estado, povo, como instrumento para que se alcancem propósitos – mesmo os mais dignos. Filosofia *não é instrumento do homem*, mas um destino de transformação. Transformação não é palavra para devaneios e propaganda; pois tudo o que se é e se quer está sob risco, quando nós efetivamente nos transformamos. Filosofia é risco.

Em segundo lugar, é um desafio para o ensino de Filosofia mostrar *por que* estar aberto à possibilidade de transformação e ao risco mencionado *é essencial*, e com "essencial" estou pensando na saúde do espírito, que muitas vezes exige ao homem histórico grandes sacrifícios. Um povo que não aposta em si mesmo põe a filosofia a trabalhar para o "bem comum", o que é uma insidiosa maneira de jamais questionarmos o sentido de "bem" e o de "comum". Com isso atingimos os difíceis temas do respeito aos que nos parecem inteiramente estranhos a nós, da única preparação autêntica para um Futuro próprio, da consideração e conservação do puramente Estranho junto ao cerne de nossa existência – e tudo isto para que a essência não se perca.

De um modo mais "prático", posso dizer o seguinte: devemos urgentemente nos libertar da imposição de modelos (livros didáticos, "autoridades" em determinados assuntos, preocupação com testes de ingresso em Universidades) – isso deve representar o mínimo do mínimo. Pensar o retorno da filosofia às salas de aula como memorização para o vestibular ou o Enem é uma lástima. Devemos deixar de mascarar a estranheza essencial do afazer

filosófico, deixar de trocar a dificuldade que lhe é inerente em favor da apenas aparente salvação pelo entretenimento, pelas pequenas aulas-espetáculo e analogias pacificadoras. Um pouco do antigo terror diante do aparecimento mítico da divindade deve ser preparado através da entrega aos textos dos filósofos – não por qualquer nostalgia do primitivo ou idiossincrasia, mas porque esse "terrível" é a Liberdade mesma, fazendo sua entrada na vida de cada um. Esse ingresso é mais semelhante a um Fim, e por isso a filosofia não é uma mera área do saber. A linguagem dos textos filosóficos, que devem ser retomados com paciência e coragem, não é pitoresca nem exótica; ela é a fala exigida a cada vez pelo essencial. Por isso, cabe a nós permitir que ela chegue aos estudantes, com sua estranheza e perturbação. Trata-se da perturbação própria ao que é livre.

c.6. O que se poderia dizer aos estudantes de Filosofia e participantes do IF - Sophia - Assis Chateaubriand sobre a participação deles no evento?

Que é longo o caminho, que são bem-vindos, que a filosofia é sempre altaneira e vital (quando não o for, não é filosofia), que para viver é necessário preparar-se e que essa preparação é a vida. E a vida é risco.